

A educação da rapariga como base de desenvolvimento em Moçambique

Marcos Atílio Silvestre Muhai¹

Introdução

Durante muito tempo, o papel da mulher/rapariga não era visto, aliás a mulher/rapariga não era vista como quem contribuísse para o desenvolvimento, apenas era visto o seu papel reprodutivo.

O acesso à educação constitui um dos indicadores primordiais para a promoção do desenvolvimento. As diferenças nos níveis e índices de escolarização entre rapazes e raparigas tem explicação em vários factores, donde pode-se destacar: a oferta limitada de lugares no sistema de educação e a maneira como era encarada a educação da rapariga no nosso país.

Muitas das vezes as raparigas têm de prestar alguns serviços domésticos, incluindo cuidar dos irmãos mais novos, aprovisionar água para o consumo e trabalhos na machamba trazendo desta forma uma sub carga horária dificultando-lhes por vezes de ir à escola.

Para o desenvolvimento desta temática, tomou-se como base a revisão da literatura, palestra ministrada por Sua Excelência Ex-Primeira Ministra Dr^a. Luisa Diogo no segundo semestre do ano lectivo 2007 na Cadeira de Filosofia de Educação leccionada pelo Prof. Dr. Brazão Mazula. Teve-se também como base um artigo retirado da internet² para além de conhecimentos adquiridos durante as aulas.

A educação da rapariga como base de desenvolvimento em Moçambique

Se fosse possível voltar no tempo e olhar para o período colonial seria notório como era a educação naquele período. As escolas oficiais estavam vocacionadas para filhos dos

¹ Licenciado em História com especialização em educação pela Universidade Eduardo Mondlane. Cont. 84 733 22 43; email: atiliomuhai@gmail.com

² <http://www.fdc.org.mz/mz/noticias.htm>. acessado no dia 2.11.07 pelas 19:20h

A educação da rapariga como base de desenvolvimento em Moçambique

colonos e para uma minoria negra (assimilados), frequentando a outra maioria negra nas missões católicas romanas.

As escolas oficiais encontravam-se organizados em ensino primário, programa de cinco classes das quais a última é obrigatória para entrada no liceu.

“O ensino liceal, que inclui o 1º ciclo (dois anos), o 2º ciclo (três anos) e o 3º ciclo destina-se àqueles que se preparam para entrar numa Universidade portuguesa”³.

As escolas das missões católicas encontravam-se organizadas em ensino rudimentar com finalidade de conduzir gradualmente o *indigena* duma vida de “selvajaria” a uma vida civilizada. Os anos deste ensino são chamados iniciação, 1ª classe (1º grau) e 2ª classe (2º grau). Ensino primário – este programa destina-se aos alunos que passaram o ensino de adaptação. Compreende a 3ª classe, 4ª classe e admissão (preparação para admissão ao liceu)⁴.

Durante este período colonial não se fala da rapariga ou se se fala é em menor escala.

Em 1975, com a independência do nosso país, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), toma como área prioritária o sector da educação. Mas, em 1976 inicia-se um levante armado entre a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) e a FRELIMO, esta que durou cerca de 16 anos causando destruições de vários estabelecimentos escolares.

Com o Acordo Geral de Paz em 1992, período em que a educação estava já democratizada, a FRELIMO traça novos planos para o desenvolvimento da educação. Neste período verifica-se uma maior integração gradual da rapariga no sector da educação.

Há que concordar com as palavras da Sua Excelência Luisa Diogo ao dizer que “educar uma rapariga é educar uma nação”. Ao justificar este posicionamento ela diz que nenhuma sociedade pode desenvolver-se sem a rapariga presente.

Talvez essa seja a razão pela qual o Governo juntamente com algumas Organizações não Governamentais (ONGs), têm apostado muito na educação da rapariga.

³ Mondlane, E. *Lutar por Moçambique*. S.I: Penguin Books, 1975, p72.

⁴ Mondlane (1975).

A educação da rapariga como base de desenvolvimento em Moçambique

Falando das ONGs, tomamos como base o FDC – Fundo para o Desenvolvimento da Comunidade. Esta organização vem desenvolvendo um programa de educação da rapariga. Até 2007, mais de 10 mil raparigas através do incentivo da escolarização e da formação profissional, desde que criado este programa concedeu uma centena e meia de bolsas de estudos em Moçambique e no estrangeiro.

No FDC, o programa de educação da rapariga é uma das muitas actividades que a instituição vem desenvolvendo em seis províncias no nosso país. Este programa passa pela construção de infraestruturas e pelo fornecimento de equipamentos escolar, sendo de realçar a capacitação de professores em matérias de género e de desenvolvimento.

O FDC concedeu este programa com o objectivo de contribuir e garantir o alargamento da rede escolar, o melhoramento do acesso a escola com enfoque a rapariga, incluindo a disponibilidade de bolsas de estudos, a capacitação de professores, a redução de taxas de desistência e uma maior participação da comunidade na vida da escola.

Por fim realçar que a educação é a base de educação de qualquer país. Através da educação, concretiza-se o acesso ao conhecimento, ao emprego e ao mundo.

Em Moçambique, a rapariga em particular e a mulher no geral são as pessoas menos privilegiadas em matérias de educação. Constata-se que as famílias com menor posses, quando não têm capacidades financeiras para mandar todos os filhos à escola, optam sempre pelos filhos rapazes que são considerados o garante do futuro da família. Algo que foi regeitado por Sua Excelência Luisa Diogo ao dizer que cabe a mulher decidir qual dos filhos pode ir à escola pois, é ela que mais do que ninguém conhece bem os filhos.

Na actualidade, é notória a ocupação de certos cargos de destaque pela ala feminina graças ao nível de educação por elas possuídas o que mostra que existe nos últimos anos uma grande abertura com vista educação da rapariga em comparação com os anos passados.